

Quadros de Referência para Intervenções Grupais: Psico-Sociodramáticas

Rosane Rodrigues¹

“O objetivo do Psicodrama é uma organização genuína da forma, uma auto-realização criativa no ato, uma estruturação de espaço, uma concretização de relacionamentos humanos no âmbito da realização cênica.”

(J. L. Moreno, Teatro da Espontaneidade, p.10)

Resumo

O artigo trata de procurar organizar e atualizar alguns conceitos de Psicodrama mais utilizados na prática das intervenções psico-sociodramáticas, com privilégio para a prática brasileira. Esta organização aparece no formato de dois quadros de referência. São colunas de classificação e suas devidas explicações ou endereçamento para a bibliografia. Portanto, são conceitos já anteriormente classificados e que continuam sendo adotados ou novos. A idéia é de facilitar a visualização, fazer algumas revisões e não de fechar a possibilidade de construção de conhecimento, que está orgulhosamente para o psicodramatista, permanentemente em aberto.

Descritores – Psicodrama, Sociodrama, Teatro de Reprise, Teatro Espontâneo, Comunidade em Cena, Construção coletiva, Grupos.

Abstract

“The article concerns an attempt to organize and update some concepts of Psychodrama that are most used in the practice of the psycho-socio dramatic interventions, with privilege to the Brazilian practice. This organization comes in the format of two reference charts. They are columns of classification and their due explanations or means of addressing the bibliography. Therefore, the concepts were previously classified and which is still being adopted or news. The idea is to facilitate the visualization, do some revisions and not of closing the possibility of building knowledge, which is proudly to the psychodramatist, permanently open.”

Index Terms - Psychodrama, Sociodrama, Playback Theatre, Spontaneous Theatre, Community in Scene, Collective Construction, Groups.

¹ Mestre em Artes Cênicas (ECA-USP). Psicodramatista didata supervisora nos focos socioeducacional e psicoterápico, professora do DPSedes e diretora e atriz de Teatro de Reprise (Grupo Improvise).

INTRODUÇÃO

Em 2006, ao ser convidada para debater o tema As Novas Modalidades Brasileiras de Teatro Espontâneo, percebi que precisaria de algum tipo de mapa da mina. Quais seriam estas novas modalidades e quais seriam as antigas também? E ainda o que era antigo e precisaria ser atualizado, pois na prática, a teoria já não lhe correspondia?

Para começar bastava fazer uma lista “simples” das modalidades mais conhecidas, pois o convite era inspirado em meus 14 anos de estrada com Teatro de Reprise e 25 como psicodramatista. E também na minha convivência, como professora de formação em Psicodrama, com as modalidades contemporâneas - transbordantes de criatividade - surgidas nestes últimos anos.

Mas, como expor idéias em um Congresso e ainda debatê-las não é exatamente uma tarefa simples, comecei a buscar algum tipo de classificação didática (viés de professora) para ter uma referência de onde partir. O tempo era o bandido e o mocinho, que faz com que alguns de nós, como eu, psicodramatistas mais da ação, nos obriguemos a escrever e divulgar o que estamos usando de referencial. Aqui vai a minha admiração àqueles que se disciplinam para manter esta comunicação atualizada e, conseguem.

O que aconteceu de fato é que a minha grande dedicação à organização deste quadro de referência terminou por ocupar quase todo o meu prazo. O debate foi muito enriquecedor e quando o Congresso terminou olhei para o quadro que eu tinha montado e achei que poderia completá-lo para mostrar para os meus alunos na formação em Psicodrama.

Trabalhei sobre esta possibilidade como um brinquedinho novo, com muito prazer. Ou seja, da maneira mais plena: unindo a inspiração com muita transpiração. Penso que os dois quadros resultantes desta empreitada ainda poderiam ser mais e mais completos, porém, hoje predomina em mim o movimento de trocar com os colegas psicodramatistas, mais do que de levá-los a utopia da perfeição. Portanto é o momento de partilhá-los, para que eles possam receber as contribuições co-construídas, de forma que facilite a vida do aluno de Psicodrama em formação e a nossa também.

Portanto, passo a mostrar como os dois quadros ficaram... por enquanto! Logo em seguida separo coluna por coluna e comento cada ponto de sua “cara final”.

Recomendo a utilização dos quadros para os aprendizes, apenas depois que eles tentem por si próprios imaginar e dramaticamente usar seus conhecimentos para levantar hipóteses sobre os conceitos psicodramáticos.

Ressalto algo que é óbvio, mas que nunca é demais lembrar: que toda divisão e classificação reduz e separa conceitos que se interpenetram. A didática é sempre artificial e somente um nomear pós-fenômeno. Conto com a flexibilidade do leitor no sentido de buscar os acentos e acertos, conforme a situação.

Para facilitar o entendimento, considerar todas as colunas independentes e justapostas em dois grandes quadros.

QUADRO DE REFERÊNCIA 1 - A INTERVENÇÃO PSICO-SOCIODRAMÁTICA QUANTO À:

Estratégia de Direção centrada	Foco		Procedimentos ou formato da sessão	Ferramenta		Modalidade	
Sociodinâmica	Superação de dificuldades	Psicoterápico	Psicodrama	Dramatização		Teatro Espontâneo	
Protagonista		Socioterápico	Sessão aberta de psicoterapia psicodramática	Teatralização		Jornal Dramatizado (Vivo)	
Criação coletiva	Aprendizagem (educacional)	Pedagógico		Sociodrama	Vinhetas		Role-Playing
		Sócio-integrativo	Andragógico	Sociodrama temático	Fantasia dirigida		Psicodrama interno
	Comunitário		Axiodrama	Jogo	Habilidade	Psicoterapia da relação	
	Artístico-cultural	Comunidade em Cena	Acaso		Onirodrama		
			Competição		Multiplicação Dramática		
			Dramático		Telepsicodrama		
			Objeto intermediário	Desenhos	Teatro de Reprise		
				Objetos simbólicos	Psicodrama Líquido		
				Fantoches, bonecos, marionetes etc.	Obra disparadora (teatro, dança, poesia, literatura, fotografia etc.)		
				Caixa de areia	Sandplay Psicodramático		
		máscaras	Teatro da Criação				
	Configuração do átomo social	Roda de Histórias					
	Vídeo/Cinema	Teatro Debate					
	Esquete teatral	Jogos dramáticos consagrados no formato de uma sessão de psicodrama	Loja Mágica				
	Escultura Fluida		Retramatização				
	Camarim vivo						
	Roda indígena						
	Dança Circular						
	Música						
	Verbal	Fala					
		Texto	teatral				
			literário				
		poesia					

QUADRO DE REFERÊNCIA 2 - A INTERVENÇÃO PSICO-SOCIODRAMÁTICA QUANTO À:

Regularidade	Tamanho do Grupo	Contextos	Instrumentos	Etapas		Técnicas		
Processo	2 pessoas (bipessoal)	Cósmico	Direção	Aquecimento	Geral	Inversão de Papéis		
Ato		Social	Protagonista				Grupal (inespecífico)	Focal
Ato com participantes em processo	3-12 pessoas (grupo pequeno)	Grupal	Coadjuvante		Ego-auxiliar (unidade funcional do diretor)			
		Dramático					Ego-platéia	Preparação do papel de ator
	12-30 pessoas (grupo médio)	Lúdico	Cenário		Realista		Preparação do papel de autor	Duplo
					Simbólico		Preparação para ser platéia	Tomada de papel
	30-300 pessoas (grupo grande)				Misto		Dramático (específico)	Concretização
					Sem limites			Representação
	Acima de 300 pessoas (multidão)		Palco (Espaço Cênico)		Arena		Dramatização	Entrevista
					Semi-arena		Jogo dramático	Espelho Ressonante
	Espaço aberto			Elisabetano	De-roling	Maximização		
				Italiano	Compartilhamento (sharing)	Estéticas		
				Vertical	Comentários cognitivos			
				Processual	Desaquecimento			
				Panorâmico	Processamento (de vários pontos de vista)	Do diretor		
				Audiência/público/platéia		Teórico/técnico		
				Ego-Ator (organização permanente)	Do tema protagônico			
				Narrador	Da sociodinâmica do grupo			

DESENVOLVIMENTO DO TEMA

Passo a explicar os termos empregados. Algumas vezes crio termos, outras redefino-os (por puro prazer de dizê-los com minhas palavras), outras vezes ainda considero que eu não poderia definir melhor do que seus autores e opto por apenas endereçar a estas definições. Minhas contribuições freqüentemente são inspiradas na bibliografia já existente, o que quer dizer que valorizo o que já foi proposto e não o contrário.

Estratégia de direção centrada	Inspirada em Knobel (18) quanto a possibilidades de estratégias de direção, proponho a idéia de uma estratégia articulada pela via da <i>sociodinâmica</i> grupal; outra pela via de um emergente grupal e se guiando por um tema protagônico - <i>protagonista</i> (o primeiro combatente destacado do coro grego para responder pelos nossos conflitos humanos e divinos) ou narradores no caso do Teatro de Reprise. E uma terceira possibilidade para a direção, que seria a <i>criação coletiva</i> , com suas múltiplas interferências, cortes, construções
Sociodinâmica	
Protagonista	
Criação coletiva	

que um grupo pode produzir. A *construção coletiva* pode funcionar com subgrupos, com todos os membros ou mesclando estas duas maneiras.

Em todas as alternativas a direção deve afinar ao máximo sua “escuta grupal” para garantir que o grupo possa se organizar para se expressar enquanto grupo.

Todas as estratégias de direção buscam a espontaneidade.

Foco		Trata-se da intenção da produção dramática. O <i>foco</i> da intervenção psico-sociodramática pode já estar previamente determinado ou ser resolvido entre direção e participantes no início ou durante o processo. Obviamente esta divisão é didática e os objetivos se interpenetram, além de poderem sofrer mudanças durante o desenvolvimento da intervenção. É desejável que uma eventual mudança seja explicitada, caso ocorra, para que todos legitimem a alteração. O foco, portanto, é o próprio contrato e objetivo. <i>Superação de dificuldades</i> - São intervenções realizadas buscando devolver um movimento natural ao organismo individual ou grupal. <i>Foco psicoterápico</i> no caso de saúde mental/emocional/social de indivíduos isolados. Pode acontecer entre psicodramatista e cliente (bi-pessoal); equipe de psicodramatistas e cliente (individual); psicodramatista ou equipe e grupo de indivíduos, desconhecidos, agrupados mediante algum critério, buscando em comum a psicoterapia (grupal); psicodramatista ou equipe e indivíduo, com membros de sua sociometria (intervenção vincular pontual). <i>Foco socioterápico</i> , no caso de sociodinâmicas grupais. Pode acontecer entre psicodramatista ou equipe e indivíduos com vínculo grupal anterior à intervenção, de natureza institucional, corporativa, familiar, afetiva etc. <i>Aprendizagem</i> - São intervenções que visam desenvolver um conceito, uma atitude. <i>Pedagógico</i> - psicodramatistas educadores podem desenvolver intervenções separadas ou não por faixas etárias com crianças e adolescentes visando construir um conhecimento sobre algo: um texto, um conceito etc. Por exemplo, ensinar o funcionamento do aparelho digestivo.
Superação de dificuldades	Psicoterápico	
	Socioterápico	
Aprendizagem (educacional)	Pedagógico	
	Andragógico	
Sócio-integrativo	Comunitário	
	Artístico-cultural	

Trata-se da intenção da produção dramática. O *foco* da intervenção psico-sociodramática pode já estar previamente determinado ou ser resolvido entre direção e participantes no início ou durante o processo. Obviamente esta divisão é didática e os objetivos se interpenetram, além de poderem sofrer mudanças durante o desenvolvimento da intervenção. É desejável que uma eventual mudança seja explicitada, caso ocorra, para que todos legitimem a alteração. O foco, portanto, é o próprio contrato e objetivo.

Superação de dificuldades - São intervenções realizadas buscando devolver um movimento natural ao organismo individual ou grupal.

Foco psicoterápico no caso de saúde mental/emocional/social de indivíduos isolados. Pode acontecer entre psicodramatista e cliente (bi-pessoal); equipe de psicodramatistas e cliente (individual); psicodramatista ou equipe e grupo de indivíduos, desconhecidos, agrupados mediante algum critério, buscando em comum a psicoterapia (grupal); psicodramatista ou equipe e indivíduo, com membros de sua sociometria (intervenção vincular pontual).

Foco socioterápico, no caso de sociodinâmicas grupais. Pode acontecer entre psicodramatista ou equipe e indivíduos com vínculo grupal anterior à intervenção, de natureza institucional, corporativa, familiar, afetiva etc.

Aprendizagem - São intervenções que visam desenvolver um conceito, uma atitude.

Pedagógico - psicodramatistas educadores podem desenvolver intervenções separadas ou não por faixas etárias com crianças e adolescentes visando construir um conhecimento sobre algo: um texto, um conceito etc. Por exemplo, ensinar o funcionamento do aparelho digestivo.

Andragógico - psicodramatistas especializados em educação de adultos podem realizar intervenções visando ensinar um conceito, por exemplo, os próprios conceitos psicodramáticos; aprofundar uma idéia, por exemplo, sobre ética; estimular a criatividade e consciência sobre motivação, trabalho em equipes, diversidade etc.

Sócio-integrativo - São intervenções que visam a integração de um grupo ou agrupamento de pessoas para que juntas possam empreender outras ações ou para disparar individualmente multiplicadores destas ações conjuntas.

Comunitário - são articulações comunitárias com o aprofundamento de temas do interesse daquela comunidade, nascidos na própria intervenção ou trazidos pela direção (recomenda-se aqui uma pesquisa anterior).

Artístico-cultural - intervenções buscando entretenimento interativo e significativo do grupo para diversão ou intergrado com aprendizagem social.

Todos os tipos de foco pressupõem prevenção.

Procedimento ou formato da sessão	Os formatos <i>Psicodrama</i> e <i>Sociodrama</i> são os já conhecidos dos psicodramatistas.
Psicodrama	<i>Axiodrama</i> baseia-se em um eixo (<i>áxon</i>), portanto um tema ou assunto. Os psicodramatistas associam o <i>axiodrama</i> a
Sessão aberta de psicoterapia psicodramática	intervenções sobre temas éticos e de valores sociais e culturais. Portanto, sociodramas com outros temas são mais
Sociodrama	freqüentemente chamados somente de <i>Sociodramas</i>
Sociodrama Tematizado	<i>tematizados</i> .
Axiodrama	Uma prática habitual no Brasil há alguns anos são as <i>sessões</i>
Comunidade em Cena	<i>abertas de psicoterapia psicodramática</i> , onde pessoas, que não necessariamente se conhecem vivenciam uma intervenção psicoterápica em grupo com começo, meio e fim (ato). <i>Comunidade em cena</i> - É um formato de sociodrama que possui a especificidade de trabalho com grupos, geralmente

grandes, e com peculiaridades de construção coletiva. A intervenção desafia a comunidade a se questionar e se desenvolver como tal. A característica especial destes grupos é a entrada e saída de pessoas durante o trabalho e o desafio para a condução, no quesito manutenção de um aquecimento e inclusão, a exemplo de praças públicas ou os atuais 4 anos de Psico-sociodramas Públicos no Centro Cultural São Paulo² (7) (11) (23).

² Este é um trabalho de ousadia e garra de uma equipe liderada por Antônio Carlos Cesarino e Cida Davoli, da qual faço parte, com muito orgulho, junto com outros brilhantes colegas psicodramatistas que encaram o desafio de desenvolver recursos próprios a este tipo de intervenção, que nos devolve às ruas de onde o Psicodrama se originou.

Ferramenta			<p>As <i>ferramentas</i> são recursos, específicos ou não de algumas modalidades, utilizados para iniciar ou desenvolver a criaturgia psicodramática (termo forjado de dramaturgia teatral). Várias ferramentas combinadas podem ser utilizadas numa intervenção psico-sociodramática. Estou considerando também que as ferramentas não precisam ser exclusivas da abordagem psicodramática e nem estarem constituídas enquanto método. Não pretendo esgotar as possibilidades de ferramentas disponíveis, mas oferecer uma lista expressiva dentro do que vejo sendo utilizado atualmente.</p> <p>Distingo <i>Dramatização</i> de <i>Teatralização</i>. Na primeira a ação dramática vai se construindo predominantemente enquanto a ação vai acontecendo. Já na teatralização, o esboço ou a cena completa já está desenhada quando começa a encenação. A improvisação acontece, portanto, a partir de uma dramaturgia já resolvida previamente.</p> <p><i>Vinhetas</i> – são pequenas e várias cenas relativamente curtas que poderão, ou não, serem aprofundadas.</p> <p><i>Fantasia dirigida</i> – qualquer condução realizada pelo diretor, onde lugares, personagens etc são sugeridos ao grupo e cada um vai criando, em silêncio, na sua imaginação o modo de cada sugestão. É comum a instrução da direção para manter os olhos fechados ou baixos, com o objetivo de concentração e introspecção.</p> <p><i>Jogo</i> - É uma prática anterior ao nascimento do psicodrama e amplamente definida. Utilizo a classificação de Roger Caillois (6) (23).</p> <p><i>Objeto Intermediário</i> – qualquer material concreto que intermedia a relação entre direção e representação, que rebaixa tensões, propiciando um clima de brincadeira (mesmo se utilizado com adultos).</p> <p><i>Configuração do átomo Social</i> – recurso mais frequentemente usado no foco psicoterápico como auto-diagnóstico e disparador de transformação da situação atual.</p> <p><i>Vídeo/Cinema</i> – recursos de vídeo e cinema usados para disparar cenas da platéia, como nas experiências do Grupo Vagas Estrelas ou até depoimentos reais em vídeo, combinados com esquetes teatrais para discutir sexualidade, realizado por Ronaldo Pamplona e Carlos Borba.</p>
Dramatização			
Teatralização			
Vinhetas			
Fantasia dirigida			
Jogo	Habilidade		
	Acaso		
	Competição		
	Dramático		
Objeto intermediário	Desenhos		
	Objetos simbólicos		
	Fantoches/bonecos		
	Caixa de areia		
	máscaras		
Configuração do átomo social			
Vídeo/Cinema			
Esquete teatral			
Escultura Fluida			
Camarim vivo			
Roda indígena			
Dança Circular			
Música			
Verbal	Fala		
	Texto	Teatral	
		Literário	
		Poesia	

Esquete Teatral – Peça curta ensaiada, que retrata alguma situação que se pretende que dispare ou desenvolva um determinado tema.

Escultura Fluida – A platéia solicita emoções e ego-atores as representam cenicamente, através de sons e movimentos, A mágica reside no instante exato em que todos os gestos e sons são congelados ao mesmo tempo e surge por alguns segundos uma escultura viva e plena de expressão. Esta ferramenta poderia ser comparada ao coro grego e aquece platéia e elenco para um diálogo cênico, gerando confiança na interlocução, além de desenvolver a linguagem cênica, por exemplo, na utilização do Teatro de Reprise como modalidade de intervenção.

Camarim Vivo – Constitui-se num convite à platéia para que entre no espaço cênico e crie personagens, esculpindo posições nos ego-atores e produzindo o acabamento com o figurino disponível. Este recurso foi criado e desenvolvido por mim e pelo Grupo Improvise para Teatro de Reprise. Funciona especialmente bem em grupos muito contidos, como os da área corporativa.

Roda Indígena – Usado como construção de um clima de intimização e pertencimento, os participantes são convidados a contar sonhos ou “causos” vividos. Difere da roda de histórias de Aguiar (3).

Inspira-se na reunião de algumas tribos dos nossos índios brasileiros que contam seu dia, seus sonhos e partilham suas experiências diárias, em clima de naturalidade e confiança.

Dança Circular – Um focalizador³ de dança circular sagrada conduz uma dança conjunta realizada em *Dança Circular* – Um focalizador⁴ de dança circular sagrada conduz uma dança conjunta realizada em roda, favorecendo climas animados e de realização de tarefa coletiva.

A *Música* e o *Verbal* - são já há muito utilizados por psicodramatistas: desde sons e músicas gravadas até percuti-las em instrumentos, no chão ou no próprio corpo. Também não esquecendo dos textos escritos literários, poéticos ou dramáticos ou o próprio uso da palavra falada, especialmente importante para ajudar na elaboração do insight dramático.

Modalidade		
Teatro Espontâneo		<p>A modalidade estrutura a tarefa comum de um grupo. Está sendo usada aqui como sinônimo de método.</p> <p><i>Teatro Espontâneo</i> - é usado aqui como modalidade e não de forma genérica, embora todas as modalidades psicodramáticas sejam inspiradas no Teatro Espontâneo (2). Esta opção foi feita apenas para categorizar, facilitando sua utilização e foi baseada no uso mais freqüente entre os psicodramatistas brasileiros.</p> <p><i>Jornal Dramatizado</i> - É a dramatização de uma notícia. O termo aqui é usado como modalidade mais ampla, ou seja, não necessariamente só com notícias de jornal, mas também com as recordadas, inventadas, mitos ou manchetes, baseadas em histórias pessoais.</p> <p><i>Role-playing</i> - Aqui está sendo usado no sentido de um método de exercício do papel que os componentes do grupo efetivamente estão formando e desenvolvendo. Vale ressaltar que não se trata somente de um ensaio do papel em questão, como o meio organizacional tem feito uso deste termo. O método, como qualquer intervenção de Psicodrama, é aberto e busca a verdade do grupo no aqui-agora, sem respostas prévias, nem recados.</p>
Jornal Dramatizado (Vivo)		
Role-Playing		
Psicodrama Interno		
Psicoterapia da Relação		
Onirodrama		
Multiplicação Dramática		
Telepsicodrama		
Teatro de Reprise		
Psicodrama Líquido		
Obra de arte disparadora		
Sandplay Psicodramático		
Teatro de Criação		
Roda de Histórias		
Teatro Debate		
Jogos dramáticos consagrados no formato de uma Sessão de Psicodrama	Loja Mágica	
	Retramatização	

³ Termo específico usado em danças circulares sagradas para designar o condutor da dança.

⁴ Termo específico usado em danças circulares sagradas para designar o condutor da dança.

Psicodrama Interno (ver 15)

Psicoterapia da Relação (ver 15)

Onirodrama (ver 29)

Multiplicação Dramática (ver 20)

Telepsicodrama - Vídeo e cinema como disparadores e coadjuvantes da ação dramática. Ronaldo Pamplona e Carlos Borba são pioneiros brasileiros no método e realizaram pesquisa sobre esta modalidade na Escola de Aplicação da USP (site da FEBRAP).

Teatro de Reprise - inspirado no Playback Theatre de Jonathan Fox (29) o *Teatro de Reprise* começou com o Grupo Reprise⁵, 1993 e vem sendo desenvolvido por mim e o Grupo Improvise, de forma bem brasileira com um enfoque mais psicodramático do que Fox propõe e também por vários grupos hoje existentes. Trata-se de um método de intervenção que induz à recordação de cenas vividas ou sonhos sonhados dormindo baseadas ou não em um determinado tema. Os relatos destas cenas por narradores são teatralizados e musicados por um elenco permanente de ego-atores e músicos. Através da combinação das cenas busca-se um aprofundamento simbólico e estético na ressignificação do relato e o convite ao diálogo co-consciente e co-inconsciente com a platéia, através do próximo relato e do compartilhamento das cenas recordadas durante.

Psicodrama Líquido (ver 11)

Obra de arte disparadora - Trata-se da utilização de esquete teatral ou trecho de peça, poesia lida ou declamada, texto literário ou dramaturgico, fotografia etc para disparar a ação dramática, muitas vezes com interferências do público na própria obra. O psicodramatista sempre lançou mão destes recursos, mas de alguns anos para cá, grupos como Vagas Estrelas dirigido por Camila Gonçalves, cia.AGRUPPAA⁶ por Milene Féo e Gota D'Água por Cláudia Fernandes vêm sistematizando e refinando cada vez mais a metodologia de sua utilização. Féo integra inclusive a peça teatral, de construção coletiva a que chama de *dramaturgia ancoradoura*, com Teatro de Reprise e Multiplicação Dramática.

Sandplay Psicodramático (site FEBRAP)

Teatro da Criação (ver 25)

Roda de Histórias (ver 3)

Teatro Debate (ver 4)

Loja Mágica (ver 20)

Retramatização (ver 19)

Regularidade	
Processo	Contratos e propostas claras garantem um fluente desenvolvimento da ação dramática e resultados alinhados com os objetivos: projeto dramático (1). O <i>processo</i> prevê algo que continuará em outra ocasião pré-agendada e que deve contar com avaliações para manutenção ou melhoria. O <i>ato</i> se constitui numa intervenção única, com objetivo que dura
Ato	
Ato com participantes em processo	

enquanto os membros estiverem reunidos. Possui começo, meio e fim.

Já o *ato, com participantes em processo*, conta com iniciados e iniciantes e uma única intervenção que se repete com certa periodicidade.

⁵ Extinto em 2000 e do qual a autora era uma das componentes

⁶ Cia. AGRUPPAA - aparelho grupal para pensar pensamentos ações e afetos

Tamanho do Grupo	Há um razoável consenso na área teatral de que grupos a partir de sete ou oito pessoas cenicamente proporcionam uma visão de coletivo (29). Abaixo deste número a platéia tende a individualizar os atores. Os coros gregos tiveram em seu início 50 pessoas e depois foram diminuindo até 12 ou 15 (8) (23) até perderem a importância para o crescente destaque do respondedor, que acabou se transformando em ator (Protagonista / deuteragonista / tritagonista, por ordem de entrada). Estes números entre 7-8 são confirmados pelos psicanalistas para uma boa intervenção em análise de grupo.
2 pessoas (bipessoal)	
3-12 (grupo pequeno)	
12-30 (grupo médio)	
30-300 (grupo grande)	
Acima de 300 (multidão)	
Espaço aberto	

Pisane (24) considera um grupo pequeno de 3 a 7 membros. Um grupo intermediário de 12 a 30 membros. E acima de 30 um grande grupo. A divisão utilizada é uma abstração para referencial, pois, é possível criar-se a impressão de multidão no palco, por exemplo, com apenas três atores. E nós psicodramatistas sabemos há muito tempo que um grupo, mesmo grande, poderá em dados momentos de uma intervenção comportar-se como um organismo único em movimento.

As intervenções em grupos cada vez maiores (13) têm sido um desafio para os diretores psicodramatistas que cada vez mais desenvolvem recursos próprios a este tipo de intervenção (7).

O grupo em espaço aberto é uma massa flutuante de pessoas que se ligam pelo contexto social. Por lapsos de tempo curtos estão juntas, através da direção psicodramática, que cria contextos grupais e dramáticos “líquidos” (11). É o caso do Psicodrama realizado com meus alunos no interior dos trens do metrô de São Paulo em 1995 (23).

Contextos	Eu considero a noção de contexto, ainda que não criada por Moreno, um conceito precioso e central da prática psicodramática, pois define a convenção entre as pessoas envolvidas na intervenção. Adoto a definição de Aguiar (2) para <i>contextos social, grupal e dramático</i> . Também dele uma definição menos conhecida de <i>contexto cósmico</i> (1). Minha própria definição de <i>contexto lúdico</i> (22) mostra que este se situa entre o grupal e o dramático, através de um jogo de papéis partilhado e com baixo teor de conflito. O “desmancha prazeres” é o grande vilão deste contexto. Portanto, todos devem participar de alguma maneira.
Cósmico	
Social	
Grupal	
Dramático	
Lúdico	

Instrumentos		Prefiro <i>direção</i> ao invés do diretor, porque pode haver um diretor, dois, vários ou uma equipe com egos auxiliares e diretor(es). Lembrar que a <i>direção</i> também faz parte do grupo, com uma função específica de fazer constantes leituras grupais (para si mesmo) no decorrer da ação, a fim de utilizar ou não manejos técnicos que sigam os caminhos do grupo, para servi-lo. <i>Protagonista</i> aqui é baseado na definição de Falivene (11), com a ressalva de considerar protagonista como o primeiro combatente, ou seja, aquele que foi destacado
Direção		
Protagonista		
Coadjuvante	Ego-auxiliar (unidade funcional do diretor)	
	Ego-plateia	
Cenário	Realista	
	Simbólico	

	Misto	do coro pela primeira vez na tragédia grega e não necessariamente como personagem principal.
Palco (espaço cênico)	Sem limites	O <i>coadjuvante</i> pode ser <i>ego-auxiliar</i> do diretor ou um <i>ego-platéia</i> , que seria um ator voluntário oriundo da platéia, sem necessariamente possuir treino como ator ou psicodramatista. Na construção do <i>cenário</i> podem ser usados objetos que se representam a si mesmos (realista) ou que representam outros objetos (simbólico) ou ainda convencionar-se que ali existe um objeto que ninguém vê. Podemos ter também um misto de ambos os <i>cenários</i> .
	Arena	
	Semi-arena	
	Elizabetano	
	Italiano	
	Vertical	
	Processual	
	Panorâmico	
Audiência/público/platéia		Importante não confundir <i>palco</i> com <i>cenário</i> , pois o <i>espaço cênico</i> é um lugar e o <i>cenário</i> é um modo de organizá-lo.
Ego-ator (organização permanente)		
Narrador		

O *palco* é o espaço de representação e a *platéia*, o espaço do *público* ou *audiência*.

Sem limites – não há limite entre representação e público. Trata-se de um espaço onde representação e platéia se misturam. Em geral considerado pelo psicodramatista como ampliação do espaço cênico (31).

Arena – Representação ao centro e platéia em toda a volta. Este é o espaço cênico mais natural e mais democrático. O público naturalmente se configura desta maneira em torno de qualquer acontecimento.

Italiano – Público à frente da representação. Separação total da representação e da platéia. É o tipo de palco mais usado no Brasil e considerado o mais autoritário também.

Semi-arena – Como Arena, com uma parte reservada para as costas dos atores.

Elizabetano – Como o italiano com uma parte do palco que se projeta para dentro da platéia. Um grande T. É um tipo semi-arena.

Vertical – A representação acontece em andares e o público a envolve em diferentes níveis também, ou apenas um nível.

Processual – O público vai caminhando junto com a representação, podendo combinar vários tipos de espaço durante o percurso.

Panorâmico – A representação envolve o público em todos os lados.

Audiência/público/platéia - pessoas que potencialmente podem participar da intervenção a qualquer momento e transformar o curso da ação dramática. Devem ser torcedores palpitantes, co-participantes e co-responsáveis pelo curso da intervenção.

Ego-ator - Em algumas modalidades como no Teatro de Reprise e em outras existe a utilização de atores treinados, muitas vezes em organizações permanente, como equipe, que ressignificam a cena para um *narrador*, que não entra em cena. Moreno os chamou de *ego-atores* (20).

Narrador - Emergente grupal que relata sua cena recordada, sonhada ou imaginada e a assiste encenada por ego-atores que a ressignificam, fundados no co-inconsciente grupal e na mediação da direção.

Etapas				
Aquecimento	Social			<p>O <i>Aquecimento</i> se constitui em uma preparação para a ação dramática, onde o grupo e a direção devem vincular-se e criar uma cumplicidade co-consciente e co-inconsciente, além de um tónus corporal/emocional para entrar em ação. Uma das tarefas mais difíceis da direção é manter este “calor”.</p> <p>O <i>aquecimento social</i> constrói as bases do contexto grupal, fazendo contratos ou reiterando-os, dando informações e procurando espantar as ligações mentais/emocionais com tudo que não faça parte do contexto grupal. O <i>aquecimento social</i> visa trazer a atenção do grupo para a tarefa conjunta.</p> <p>O <i>aquecimento grupal</i>, o inespecífico de Moreno, cria a disponibilidade para a mágica, para o inusitado, para a realidade suplementar, através de passos. Adoto as etapas do <i>aquecimento grupal</i> propostas por Davoli (9), não necessariamente nesta ordem.</p> <p>Sob estas condições, a direção aquece o <i>cênico</i> (específico) construindo as bases da permissividade do contexto dramático que vai favorecer o surgimento do estado de espontaneidade. Os termos grupal e cênico são inspirados na já modificada proposta de Moreno feita por Aguiar (2).</p> <p>O <i>aquecimento cênico</i> especifica o cenário, personagens, início de cena, eventual figurino (vestimenta dos personagens), adereços cênicos (apetrechos como livro, bolsa, copo etc) e o embrião de argumento da cena. Segue-se a esta, a etapa da <i>representação</i>. Ela pode ser uma <i>dramatização</i> ou um <i>jogo dramático</i>. <i>Dramatização</i> - Baseia-se no conflito e é a etapa nuclear, o clímax. Este é o momento de criação</p>
	Grupal (inespecífico)	Geral		
		Focal	Ambientação	
			Grupalização	
			Preparação do papel de ator,	
	Preparação do papel de autor			
Cênico (específico)				
Representação	Dramatização			
	Jogo Dramático			
De-roling				
Compartilhamento (sharing)				
Comentários cognitivos				
Desaquecimento				
Processamento (de vários pontos de vista)	Da direção			
	Teórico/técnico			
	Do tema protagônico			
	Da sociodinâmica grupal			

maior no qual as personagens, já anteriormente definidas, ganham vida e improvisam falas e gestos permeados pelo tema protagônico e pela própria interação do momento (28). Considero incluídas nesta etapa todas as encenações das modalidades não clássicas como teatro de reprise, multiplicação dramática etc.

O *jogo dramático* pode ser utilizado como aquecimento para dramatização ou como estrutura da intervenção. Neste último caso mantém a mesma estrutura, porém, com a etapa da dramatização substituída pelo próprio jogo de papéis. Neste caso a direção procura não acentuar o conflito e busca uma participação conjunta com baixa tensão, explorando a ampliação e desenvolvimento de papéis.

De roling - Diferencio *de roling* (2) definido por Aguiar de *desaquecimento* pelo momento em que cada uma destas intervenções acontece. O *de roling* acontece marcando a mudança do contexto dramático para o grupal, de modo que os atores sejam “desvestidos” dos personagens.

Desaquecimento - Se constitui em um procedimento de marcar, de maneira suave ou pontual, o final dos trabalhos dramáticos e grupais e encaminhar o grupo para o contexto social. Este último pode ser necessário ou não a critério da direção. Emoções muito intensas vividas pelo grupo durante a intervenção podem em contato com a pouca flexibilidade do contexto social, desproteger subjetividades que floresceram ainda de maneira embrionária no contexto dramático, ameaçando a espontaneidade recém surgida.

Compartilhamento - Pode-se diferenciar também o *compartilhamento emocional* e depois, de maneira optativa, uma etapa de *comentários cognitivos* para reflexão sobre o conteúdo de um tema que acabou de ser vivenciado na intervenção (esta etapa complementar poderia ser verbal ou dramática, através de ressonâncias ou vinhetas).

Processamento - Visa o entendimento cognitivo do que ocorreu na intervenção. Poderia ser realizada (2) privilegiando o acento em vários pontos de vista: da direção, teórico/técnico, do tema protagônico ou da sociodinâmica grupal etc.

Técnicas	
Inversão de Papéis	
Solilóquio	As técnicas constituem-se em interrupções e retornos ao fluxo da ação dramática, realizadas pela direção ou autorizadas por esta, na vigência do contexto dramático. Todas visam o aprofundamento no estado de espontaneidade gerador do insight dramático grupal.
Espelho	Aqui estão listadas as técnicas clássicas já amplamente definidas e minhas contribuições.
Duplo	<i>Inversão de Papéis</i> – A inversão total ou a parcial (<i>Tomada de papel</i>) busca a máxima do Psicodrama: se colocar no lugar do outro. Não para concordar, mas para identificar e “sentir na pele” o ponto de vista deste outro. A inversão de papéis é mais do que uma técnica dramática é uma atitude.
Tomada de papel	
Concretização	<i>Solilóquio</i> - Permite uma comunicação direta entre a subjetividade do ator e os outros participantes, em uma cena ou fora dela, através da formulação verbal, em voz alta, do conflito. A mágica reside em uma suspensão “no tempo dramático”, acompanhada de uma instrução de que esta fala seria inaudível.
Desdobramento do eu	
Entrevista	
Espelho ressonante	
Maximização	
Estética	

Espelho – Permite a separação cênica entre ator e autor. O ator é substituído por um ego-auxiliar ou objeto e o autor poderá ver a cena com distância suficiente para sua reflexão emocional, para posterior transformação da ação.

Espelho Ressonante – Autor se converte em narrador ao relatar sua cena vivida e assiste à ressonância de seu relato em ego-atores. A ressonância poderá vir em forma de cena representada, em forma simbólica ou em esculturas fluidas, conforme orientação da direção na modalidade adotada.

Duplo – aparece quase que como uma sombra falante, que expressa em geral a emoção do personagem. Uma ampliação do duplo poderia ser um coro de vozes colocado atrás do protagonista repetindo falas ou sons para enfatizar a emoção (*duplo amplificado*).

Concretização – uma emoção ou sensação passa a ser um personagem. Na cena este personagem se comunica em geral somente com o dono da emoção ou no máximo com outras emoções do mesmo dono.

Desdobramento do eu – vários “eus” contracenam, representando aspectos do mesmo indivíduo.

Entrevista – conversa entre diretor e personagem. Esta técnica pode desaquecer a platéia, caso a *entrevista* seja longa.

Maximização – exagero de uma gestualidade surgida durante a dramatização e que parece denunciar uma pista da emoção condutora de transformações importantes da ação dramática.

Estéticas – considero estéticas todas as interrupções realizadas pela direção que busquem melhor entendimento da cena pela platéia. Por exemplo, para que uma só cena seja vista e ouvida de cada vez, congelar a(s) outra(s) cena(s). Outro exemplo poderia ser solicitar que o protagonista fale mais alto ou se coloque de frente para que a platéia.

PONTO DE VISTA DE UMA PSICODRAMATISTA

Alguns pressupostos da minha visão do Psicodrama podem ajudar a entender o ponto de vista que adoto. Considero que o teatro convencional (e não legítimo, como foi traduzido) é também revolucionário, enquanto Arte. Moreno era um homem visionário e assim como outros teóricos seus contemporâneos, como Evrainov, por exemplo, detectou como o teatro de seu tempo estava estagnado. Muitas transformações foram realizadas desde então, impulsionadas por personalidades tão ousadas quanto Moreno. Discordo dele que a *Commedia dell'Arte* e o teatro convencional não sejam espontâneos e criativos. Basta dizer que a *Commedia dell'Arte* era a forma da comunidade expressar o que pensava - através do improviso - já que no séc. XVI na Itália, onde surgiu, os textos eram previamente censurados. A arte de forma geral pode ser muito transformadora ou absolutamente conservadora e conservante. Depende de como e a quem serve. O psicodrama também.

Para mim o teatro serve ao que a palavra grega *Théatron* nos reporta: lugar de onde se vê. Ou seja, a platéia e não o ator e nem o diretor é que se constitui no para quê e para quem o teatro é feito. Portanto, a estética está indissolúvelmente unida à ética para produzir criatividade. Penso que atores de teatro, assim como diretores de psicodrama estão a serviço de suas platéias. O psicodramatista deve seguir seu grupo e não aparecer mais que ele. Desta maneira poderá cumprir a missão de articular criativamente a permanente tensão entre o individual e o coletivo e entre o privado e o público. Isto se, depois do caminhar da globalização, continuarmos a ter um privado e um coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As sistematizações de conceitos, que articulam a teoria com a prática, precisam ser constantemente revistas e atualizadas. De tempos em tempos a própria utilização do conhecimento psicodramático junto aos alunos, suas dúvidas e demandas “antenas” com o mundo, vão desafiando os educadores a repensar sobre o que aprenderam com outros educadores anteriores. Este é o ciclo. Algumas coisas do psicodrama, porém, não vão mudar jamais:

- seus princípios de busca da inclusão;
- a grande utopia revolucionária de uma sociedade mais criativa e coletiva, de fato;
- a busca de dar voz ao outro e a si mesmo através da ação e da arte;
- A quebra com o estereotipado, parado, estagnado e sem viço, dando lugar ao novo, ao que desestabiliza e faz procurar novas respostas;
- E principalmente, que nosso trabalho como psicodramatistas possa ser feito com alegria e disseminando alegria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- (1) AGUIAR, M. - Teatro da Anarquia. Um resgate do Psicodrama, Campinas: Papyrus, 1988, p.51;

- (2) _____ - Teatro Espontâneo e Psicodrama. São Paulo: Agora, 1998;
- (3) _____ - Uma Nova Técnica: a Roda de Historias in Revista Brasileira de Psicodrama, vol. 8, nº 2, 2000;
- (4) _____ et alli - O Psicodrama e a Educação Sexual através do Teatro-Debate in Revista Brasileira de Psicodrama, vol.12, nº 2, 2004;
- (5) BLATNER, A. et alli - Uma Visão Global do Psicodrama. Fundamentos históricos e práticos. São Paulo: Agora, 1996;
- (6) CAILLOIS, R. - Os Jogos e os Homens. Lisboa: Cotovia, 1990;
- (7) CESARINO, A. et alli - Brochura 02 anos de Psicodrama Público no Centro Cultural. Um encontro com a finalidade de experimentar ser ator e autor de suas próprias histórias com sentidos individuais e coletivos, ao mesmo tempo, agosto 2005;
- (8) D'AMICO, S. - Storia del Teatro Dramático. Roma: Bulzoni, 1982, p.25;
- (9) DAVOLI, C. - Aquecimento – Caminhos para a Dramatização in Revista Brasileira de Psicodrama, vol. 5, nº 1, 1997;
- (10) _____ - O Teatro Espontâneo e Suas Terminologias in Revista Brasileira de Psicodrama, vol. 3, fasc. I, 1995;
- (11) _____ - Cenas Psicodramáticas: Psicodrama Líquido. Revista Brasileira de Psicodrama, vol.14, nº 1, 2006 – Edição bilíngüe;
- (12) FALIVENE, A. L. R. - Conceito e Articulações na Teoria e na Prática. Revista Brasileira de Psicodrama, vol. 2, fasc. I, 1994;
- (13) FLEURY, H. e MARRA, M. - Intervenções Grupais nos Direitos Humanos. São Paulo: Agora, 2005;
- (14) _____ - Práticas Grupais Contemporâneas. A brasilidade do psicodrama e de outras abordagens. São Paulo: Agora, 2006;
- (15) FONSECA, J. - Psicoterapia da Relação. Elementos de psicodrama contemporâneo. São Paulo: Agora, 2000;
- (16) FOX, J. F. - O Essencial de Moreno. Textos sobre psicodrama, terapia de grupo e espontaneidade. Agora: São Paulo, 2002;
- (17) KNOBEL, A. M. - Moreno em Ato. A construção do psicodrama a partir das práticas. São Paulo: Agora, 2004;
- (18) _____ - Estratégias de Direção Grupal in Revista Brasileira de Psicodrama, vol. 4 fasc.I, 1996;
- (19) LIBERMAN, A. - Retramatização – A Trama Individual, a Retrama Grupal e a Ação Dramática como Agente de Transformação: uma Proposta Sociodramática in Revista Brasileira de Psicodrama, vol. 3 fasc. II, 1995;
- (20) MASCARENHAS, P. H. A. - O Psicodrama de Adolf Hitler: um paradigma do Psicodrama e sua relação com a Multiplicação Dramática in Revista Brasileira de Psicodrama, vol..5, nº 1, 1997;
- (21) MORENO, J. L. - Psicodrama. São Paulo: Cultrix, 1987, p.165;
- (22) _____ - Quem Sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama. Goiânia: Dimensão Editora, 1993;
- (23) MOTTA, J. (org.) - O Jogo no Psicodrama. São Paulo: Agora, 1995, p. 111-122 (Jogo em Espaço Aberto);
- (24) PAVIS, P. - Dicionário de Teatro. São Paulo: Perspectiva, 1999, p.71;
- (25) PISANE, R. A. - Elementos de Análise de Grupo. Os grupos pequeno e médio. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005;
- (26) REÑONES, A. - Do Playback Theater ao Teatro da Criação. São Paulo: Agora, 2000;

- (27) RODRIGUES, R. A. - Um pouco de Teatro para Psicodramatistas. Revista Brasileira de Psicodrama, vol. 2, nº 2, 1990;
- (28) _____ - O Psicodrama e o Ensino. Aplicação de técnicas psicodramáticas no Ensino de um teste de personalidade. Dissertação de Mestrado, Artes Cênicas, ECA-USP, 1988;
- (29) SALAS, J. - Playback Theatre. Uma nova forma de expressar ação e emoção. São Paulo: Agora, 2000;
- (30) WOLF, J. R. A. S. - Onirodrama e Choque Psicodramático. Revista FEBRAP, vol. 1, maio, 1978;
- (31) Anotações de aula do Prof. Dr. Clóvis Garcia em Cenografia do Séc. XX, ECA-USP, 1986.

Endereço: Rua Casa do Ator, 958 - apto 91 - V. Olímpia - São Paulo - SP - Brasil.

CEP – 04546-003 - Fone/fax 55 11 3044-1194 ou 5051-6151

Email – rosateatro@ajato.com.br

Site – www.grupoimprovisar.com.br